

LEMBRANDO ELLEN MEIKSINS WOOD

Ellen Meiksins Wood mostrou a muitos de nós o que significa ser um(a) intelectual comprometido(a).

Vivek Chibber

Tradução: Gabriel Alves Damasceno

Revisão: Sérgio Paulo Morais

Ellen Meiksins Wood faleceu no dia 14 de janeiro, após uma longa batalha contra o câncer. Wood foi uma pensadora de escala extraordinária, escrevendo com grande autoridade sobre Grécia Antiga, pensamento político do início da Idade Moderna, teoria política contemporânea, marxismo e estrutura e evolução do capitalismo moderno.

Mas, ainda mais importante, ela foi um daqueles encantados da *New Left*, que nunca cedeu em seu compromisso com a política socialista. Na verdade, foi com seu livro de 1986, *The retreat from class*, que ela emergiu na cena como uma presença importante na esquerda intelectual.

Aquele livro foi uma das primeiras críticas ao emergente ambiente pós-marxista que se formava na antiga *New Left*, e certamente uma das mais convincentes. Intelectualmente, ele ofereceu uma fortificante defesa do materialismo histórico contra as críticas pós-marxistas; politicamente, anunciou a censura de Wood a uma geração que – depois de um breve flerte com políticas socialistas – estava se virando contra essas políticas com intensidade feroz.

Wood combinou sua defesa da análise de classe com uma insistência que seria disciplinada pela pesquisa empírica. E por essas razões ela nunca hesitou em envolver até mesmo aqueles historiadores e teóricos que eram mais próximos a ela.

Em *Peasant-Citizen and Slave* ela debateu com G. E. M. de Ste. Croix. Talvez um dos maiores historiadores da Antiguidade e certamente seu mais ilustre analista marxista, ele discutia em

¹ Professor de sociologia da New York University.

The class struggle in the ancient greek world que a principal fonte de mais-valia, tanto na Grécia quanto em Roma, era o trabalho dos escravos. Wood argumentou que embora Ste. Croix estivesse correto em notar a importância do trabalho escravo na antiguidade, por outro lado, ele exagerou muito na centralidade para a produção de mais-valia.

Wood construiu seu caso com um exame cuidadoso das fontes primárias, através das quais ela não apenas rebateu Ste. Croix, mas também construiu uma convincente análise materialista da estrutura da democracia grega.

Pouco mais de uma década depois, Wood debateu com Robert Brenner, seu amigo de longa data e companheiro político, sobre as origens do capitalismo moderno. Enquanto Wood foi profundamente influenciada pelo argumento de Brenner sobre as origens do capitalismo na Inglaterra, ela insistiu que sua análise da ascensão do capitalismo nos Países Baixos era tanto empiricamente questionável quanto analiticamente falha. De novo, seu argumento caracterizou-se por um cuidadoso exame dos fatos com precisão cirúrgica. Sua crítica do trabalho altamente influente de Brenner continua a ser uma das mais importantes.

Wood é talvez melhor conhecida por seu papel no desenvolvimento do “Marxismo político”. Esse é o nome dado para uma teoria sobre a estrutura e origens do capitalismo, baseado principalmente pelo trabalho do historiador Robert Brenner. Brenner e seus colegas argumentavam que o que define o capitalismo é um conjunto particular de relações sociais de propriedade, que são características da era moderna, e que forçam todos os agentes econômicos a uma dependência do mercado. Considerando que, em todas as eras anteriores, a produção estava orientada para a subsistência, o capitalismo é o primeiro sistema econômico que obriga produtores a venderem no mercado, e, portanto, terem de competir para sobreviver.

Wood defendia que isso teve duas implicações vitais. Em primeiro lugar, o capitalismo é o primeiro sistema econômico em que o mercado desempenha um papel central. Assim, ainda que os mercados já existam há milênios, é a primeira época em que eles de fato regulam a produção e a troca e, portanto, geram a divisão social do trabalho.

Isso não aconteceu naturalmente. Não há tendência embutida para mercados crescerem até o ponto onde eles deslocam formas pré-capitalistas de produção. Eles tiveram que ser criados deslocando forçosamente os camponeses de suas terras.

Em segundo lugar, Wood sustentou que a maximização do lucro é algo que é imposto para os produtores como um meio de sobrevivência. As empresas não buscam lucros porque são gananciosas – eles fazem isso porque se não o fizerem, serão expulsos do mercado.

O mercado, portanto, não é uma instituição construída sobre o exercício feliz do espírito empreendedor, mas uma instituição altamente coercitiva que não só domina os trabalhadores, mas também os capitalistas.

Isso tem uma implicação política clara – enquanto a produção se basear na concorrência do mercado, o antagonismo entre trabalhadores e empregadores não poderá ser apagado. Enquanto os empregadores tiverem de sobreviver vencendo a batalha competitiva, eles deverão se concentrar impiedosamente em minimizar os seus custos. Isto significa que os capitalistas devem constantemente apertar os salários e benefícios dos trabalhadores como parte de sua estratégia de sobrevivência. O mercado atíça os capitalistas contra seus próprios trabalhadores.

A conclusão de Wood? Enquanto as relações capitalistas de propriedade estiverem no controle, a luta de classes continuará a ser um eixo central de disputa.

Nos anos seguintes à publicação de *The Retreat from Class*, Wood publicou dezenas de ensaios aprofundando este argumento e mostrando como a teoria política ignora a especificidade do capitalismo por sua conta e risco.

Em seus últimos anos, Wood havia embarcado em uma análise extraordinariamente ambiciosa do desenvolvimento do pensamento político, desde a Antiguidade até a era moderna. Wood procurou localizar os pensadores centrais de cada época no seu contexto social – particularmente de classe –, mostrando como os principais temas e argumentos estavam ligados às dinâmicas políticas centrais da época. Ao fazer isso, ela procurou incorporar as ideologias políticas de cada época na estrutura de classe subjacente.

Wood tinha completado dois volumes da série, que se estende desde os gregos até o Iluminismo. Um terceiro volume – trazendo a história para o século atual – estava em preparação, mas agora não será concluída.

Encontrei Ellen poucas vezes, mas como tantos outros da Esquerda, eu sinto que tenho uma dívida enorme com ela. Ela não era apenas uma teórica fantasticamente talentosa – talvez a mais brilhante de sua geração – mas ela também se manteve firme moral e politicamente através do que é sem dúvida o período mais difícil para a Esquerda desde o seu início.

Ellen mostrou para muito de nós o que significa ser uma intelectual comprometida – que é possível ser intensamente moral e implacavelmente analítica; ser apaixonada, mas ainda trabalhar com atenção ao detalhe; estar profundamente enraizada em um movimento, mas manter seu julgamento independente.

Ela convenceu com uma ausência de esforço que só se pode tentar imitar. Sua morte é uma perda que todos vamos sentir profundamente. E, infelizmente, é uma perda que a Esquerda ainda não tem os recursos para absorver.